

Ciberpoesia: um híbrido infinitamente colaborativo*

Raphael Santos Freire, Clareana Oliveira Rodrigues,
Suanny Lopes Costa, Suzana Cunha Lopes,
Abílio Cavalcante Dantas[†]
Universidade Federal do Pará

Índice

1	Introdução	2
2	Significantes Insignificáveis	3
3	Como Chegamos ao Ciberespaço?	5
4	Afinal, o que faz da Ciberpoesia uma Ciberpoesia?	5
5	Nossa Experiência Ciberpoética: a construção do híbrido infinitamente colaborativo	11
6	Considerações Finais	15
7	Referências Bibliográficas	16

Resumo

Em um tempo marcado por mediações em virtude, não somente, mas fundamentalmente, das novas tecnologias, o ciberespaço torna-se um lugar privilegiado de disputas e produção de sentidos. A poesia sendo uma construção humana que traduz sentidos, discursos e sentimentos também estará presente nesse espaço, mas reconfigurada, potencializada, embora com as mesmas características já trazidas pelos

*Artigo apresentado á disciplina Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias, ministrada pela Prof. MSc. Kalyinka Cruz.

[†]Graduandos de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Pará

românticos ou clássicos. A nossa proposta neste artigo é refletir sobre as características e possibilidades do que chamamos de ciberpoesia, a partir de nossa experiência colaborativa no *blog Wikesia – Wiki de Poemas*.

Palavras-Chave: ciberpoesia; colaboratividade; ciberespaço; híbrido; multimídia.

1 Introdução

Pensar o contemporâneo e suas implicações nas interações sociais é levar em consideração as mudanças ocorridas na sociedade, principalmente, a partir do último quarto do século XX. Tais mudanças dizem respeito ao avanço tecnológico, que possibilitou uma comunicação descentrada, na qual os processos simbólicos circulam sem fronteiras e se verifica a formação de identidades cada vez mais instáveis e múltiplas.

Nesse contexto, os meios de comunicação de massa exercem um papel fundamental na produção de sentido nas sociedades atuais, pois, além de armazenar as formas simbólicas, permitem a circulação dessas formas. Após o avanço tecnológico, as formas simbólicas estiveram ao alcance de um número maior de pessoas. (THOMPSON, 1998).

Assim, quando pensamos na internet, por exemplo, é possível enxergar concretamente mudanças por ela provocadas, o próprio espaço de convivência se reconfigura: antes da internet, as conversas eram face a face, frente à casa, na praça, na esquina, no cinema ou em qualquer outro lugar dito real. Com o ciberespaço, as relações se liquefazem, desmaterializam-se o corpo e o espaço, que passa a ser *ciber* espaço, “lugar” de inúmeras possibilidades, pontos de vista e formas de viver.

Pensando dessa forma, surge, então, uma “nova estrutura social baseada predominantemente em redes” (CASTELLS, 2001. p. 16). Em outras palavras, o que temos é uma mudança significativa em todas as esferas humanas, na qual o ciberespaço será o lugar privilegiado das relações sociais, sendo, portanto, o novo “lugar” das identificações, das noções de territorialidade – cada vez mais fluida –, das possíveis formas comunicacionais, enfim, dos novos discursos.

A internet, sendo um meio, trouxe modificações estruturais, isto é, dinamizou, por exemplo, o “envio das cartas”, que se transformaram em *e-mails*. Já o ciberespaço reconfigura a cultura ao mesmo tempo em

que faz surgir uma nova cultura – a cibercultura. Assim, parafraseando Geertz (1989), o ciberespaço é a própria teia de significados, não imune às tensões de um campo de disputa e conflito.

No contexto apresentado, identifica-se o surgimento de novas formas de expressão e trocas (materiais/simbólicas) entre os homens; formas estas que trazem em si os pontos de vista e tipos de vivências intrínsecos aos novos meios, como defende McLuhan (1989). Portanto, nada mais lógico que encontrarmos formatos inéditos para todos os modos da inter-relação humana, reconfigurados, agora, por práticas diferenciadas. A poesia faz parte deste cenário.

2 Significantes Insignificáveis

Para entender o significado da palavra poesia é necessário abrir a mente para coisas incompreensíveis, significantes insignificáveis do ponto de vista da linguagem usual, cotidiana. Talvez, por isso, o texto poético, como quando recorre à metalinguagem, contenha as melhores explicações. O poeta Manuel de Barros (1980) diz em um verso que a “poesia é um inutensílio”. Ou seja, que ela não serve para nada. No primeiro momento isso pode parecer uma ofensa. No entanto, constitui a principal característica da poesia.

Além de inútil, pode-se afirmar que a poesia refere-se sempre a elementos invisíveis aos olhos presos à realidade, pragmáticos, dependentes de resultados. Por isso, segundo a enciclopédia Barsa, a poesia é uma perversão da linguagem. O poeta Mário Quintana (1994) faz a mesma provocação no poema a seguir: “Para quê nomes?/Era azul e voava...”. Existem significados que não podem se mostrar a partir do uso tradicional que fazemos das palavras todos os dias. Por isso existe a poesia.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano (2002), nos conta uma história muito interessante e curiosa, boa para começarmos a falar de poesia. É a história de um garoto que nunca havia visto o mar, vivera desde o seu nascimento em uma pequena cidade localizada muito longe do mar. Um dia, o seu pai resolve levá-lo a conhecer aquela coisa que existia, até então, apenas em sua imaginação. Chegando ao local, vendo aquela imensidão de água, o menino fica muito emocionado e só con-

segue dizer uma frase: “Pai, me ajuda a olhar”. O texto de Galeano chama-se *A função da Arte*.

Recorrer à linguagem poética é a melhor forma de discorrer sobre poesia, pois os elementos que compõem esta criação da sensibilidade humana não podem ser separados de seus aspectos formais, da maneira como estão materializados na sociedade. Eduardo Galeano (2002) nos diz que arte existe para que o homem possa enxergar o mundo e tudo que há nele, em sua plenitude, não apenas a partir de categorias frias e predefinidas por modos de vida estabelecidos. O sentimento de espanto do menino da história não pode ser reduzido apenas à imensa quantidade de água vista, à extensão do horizonte ou ao fato de estar vendo algo inteiramente novo. Uma emoção difícil de ser definida surgiu naquele momento. A poesia existe, justamente, para conseguirmos lidar com este tipo de emoção.

De acordo com o autor francês, Jean Cohen (1976), a palavra poesia pode ser entendida de duas maneiras predominantes. Uma refere-se à sua utilização na época clássica, quando possuía uma função única: designar “um gênero de literatura, o poema, caracterizado pelo uso do verso”. Por outro lado, com o passar dos anos e o surgimento da corrente estética conhecida como romantismo, o sentido da palavra espalhou-se para outras formas de percepção.

“...podemos analisar, em linhas gerais, do seguinte modo: em primeiro lugar, o termo, por transposição, passou da causa ao efeito, do objeto ao sujeito. Deste modo, *poesia* designou a impressão estética especial produzida normalmente pelo poema. Por essa altura, tornou-se corrente falar de sentimento ou de emoção poética. Depois, alargando-se, o termo foi aplicado a qualquer objeto extraliterário susceptível de provocar esse tipo de sentimento, primeiro nas outras artes (poesia da música, da pintura, etc.), depois às próprias coisas da natureza”. (COHEN, 1976, p.15).

Neste trabalho falaremos sobre a ciberpoesia. É preciso ficar claro, portanto, que a palavra *poesia*, ao juntar-se com o prefixo *ciber*, a partir das reflexões dos autores desse trabalho, designa uma importante e inovadora manifestação artística do nosso tempo, que não se limita à figura física do poema, mas diz respeito também às novas formas de

criação e recepção dos elementos poéticos surgidos no/com/a partir do ciberespaço.

3 Como Chegamos ao Ciberespaço?

Durante a disciplina “Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias”, a equipe decidiu tratar de assunto que não estivesse tão em evidência em trabalhos acadêmicos; logo, um tema que ainda nos fosse bastante desconhecido. Juntando à inclinação de alguns membros por temas da arte, chegamos à ciberpoesia e fomos, aos poucos, nos enredando por ela. A grande quantidade de interrogações que surgiram motivaram discussões longas entre todos e nos fizeram conhecer um pouco mais sobre as particularidades deste espaço próprio da contemporaneidade, o ciberespaço.

Um dos temas recorrentes em nossos encontros era o possível ineditismo deste tipo de poesia. Será que a ciberpoesia é algo totalmente novo? Nossa resposta é não. Ao estudar autores como o poeta Paulo Leminski, descobrimos que aspectos da poesia como a intersemiose continuam existindo e sempre existirão, pois são fundamentais para a criação artística.

“INTERSEMIOSE. Aqui, muitos códigos interpenetram-se produzindo híbridos que são os mutantes da qualidade nova. Assim como não há raças puras, também não há códigos puros. A escrita, que parece uma só coisa, já contém 2 veículos: a palavra e o som”. (LEMINSKI, 1997, p.18).

4 Afinal, o que faz da Ciberpoesia uma Ciberpoesia?

O caminho percorrido pela palavra até chegar ao que hoje chamamos de Ciberpoesia é longo e invariavelmente marcado pela experimentação dos poetas. Desde o francês Apollinaire¹ e seus versos que imitam a

¹ Guillaume Apollinaire (1880 – 1918) nasceu em Roma, mas foi em Paris que fez sua carreira como grande poeta e agitador cultural. Escreveu artigos, poemas, contos, romances eróticos e interessava-se bastante por pintura moderna. É um dos expoentes da vanguarda artística do início do século XX.

água da chuva, passando pelos concretistas², os poetas têm misturado a palavra com todas as outras linguagens possíveis (pintura, som, vídeo) em busca dos significados contidos na linguagem poética.

Aristóteles Guiliod de Miranda (1999), por exemplo, nos poemas “Serpente” e “Tesão” (ver figuras 1 e 2) já utiliza recursos como a disposição visual das palavras e o movimento (similares a uma serpente), além da sonoridade da aliteração (jogo de palavras iniciadas com a letra “t”), todos instrumentos estéticos multiplicáveis e potencializáveis no ciberespaço.

Inevitavelmente, o contexto social de cada tempo impregna de novos meios os modos de relacionar-se. Assim, as formas de expressão em tempos de cibercultura dão abertura a outros caminhos para a poesia. Para Santaella,

“Os meios de nosso tempo estão nas tecnologias digitais, nas memórias eletrônicas, nas hibridizações dos ecossistemas com os tecnossistemas e nas absorções inextricáveis das pesquisas científicas pela criação artística, tudo isso abrindo no artista e literato horizontes inéditos para a exploração de territórios inatos da sensorialidade e sensibilidade” (SANTAELLA, 2007, p.330).

Dessa forma, a ciberpoesia é considerada uma “nova expressão poética do nosso tempo e integra o território da ‘ciberarte’, termo que assim como a net arte e web arte ou arte das redes, se refere a toda a arte que tem sua base na cibercultura” (SANTAELLA, 2007, p. 332).

A ciberpoesia, portanto, nada mais é do que uma nova expressão poética do nosso tempo. Uma única voz ativa é relativizada. Tal como a figura do receptor. Assim, sendo também uma filha da internet e do ciberespaço, ambos meio e espaço híbridos, a ciberpoesia possui uma construção híbrida, tanto na linguagem (multimidiática) quanto no modo de acesso (amplamente disponível). Áudio, texto escrito e a estrutura de jogos virtuais fundem-se, e confundem-se, a fim de atingir o plano da poesia neste novo momento.

² Movimento vanguardista que ocorreu nas artes plásticas, na música e na poesia, que surge na Europa, na década de 1950, e tem seu auge na década de 1960. Tem como principais características na literatura a utilização de efeitos gráficos, aproximando a poesia da linguagem do design.

em duas partes. Primeiro, devemos notar que a linguagem poética é mantida apesar das particularidades dos novos meios. Metáforas, hipérbolos e aliterações ainda são recursos linguísticos utilizados para alcançar os significantes que não são exprimidos na linguagem comum, por exemplo.

O segundo ponto que une a ciberpoesia à poesia diz respeito à “inutilidade” desta última, anunciada no início deste artigo. A poesia não é uma construção humana que busca algum objetivo prático. Pelo contrário, ela pretende fazer com que coisas que sentimos possam ser reproduzidas e compreendidas, independente de nossas necessidades objetivas, mais fáceis de ser identificadas. Com a ciberpoesia, essa falta de utilidade se mantém.

Já que este é um novo momento, o que muda nesta forma de expressão? Características já utilizadas por outros tipos de poesia (sonoridade, mistura de linguagens, etc) são potencializadas pelos recursos e contextos do ciberespaço. Pode-se dizer que as próprias características do ciberespaço (colaboratividade, interatividade, simultaneidade) ganham destaque na construção ciberpoética e fazem da ciberpoesia uma ciberpoesia.

Vejamos quais são essas características e como elas estão presentes nas ciberpoesias:

Interatividade

Se considerarmos o poeta como um proponente de significados e o leitor de qualquer poesia como um construtor de significados, podemos dizer que a poesia, intrinsecamente, é interativa. Entretanto, essa interatividade é limitada.

As possibilidades de interação oferecidas pelo ciberespaço diminuem em grande proporção essa limitação. Interativo por si só, o ciberespaço constrói um tipo de poesia, a ciberpoesia, que permite não apenas a comunicação de significados entre autor e leitor como a troca permanente de posição entre eles. Ou seja, leitores e autores se tornam uns os outros, atores quase que simultâneos.

Sendo interativa, portanto, a ciberpoesia é produzida de acordo com o seu leitor, permite que ele seja seu construtor e até seu autor. Um exemplo dessa interatividade poética exacerbada pelo ciberespaço é a ciberpoesia do chá³. Dependendo dos ingredientes que escolhemos para

³ Disponível em <www.ciberpoesia.com.br/ciber_cha>

fazer o nosso chá, é gerada, no final, uma ciberpoesia. As possibilidades são múltiplas e dependem da experiência e da construção individual de cada leitor.

Hipertextualidade

O hipertexto é uma linguagem própria do ciberespaço. Podemos (sem nenhum comprometimento de conceituação) considerá-lo uma extensão da intertextualidade. Se um texto pode remeter a outro, um hipertexto pode remeter a muitos outros com apenas um clique. Citando outros pensadores, Capparelli et. al. (2000) considera que:

“As possibilidades do hipertexto na ciberpoesia vão muito além da convergência de diferentes linguagens. Elas abrem também uma janela para a interatividade, isto é, a participação do navegador no poema, numa interação que tem por base um processo de controle e resposta entre o usuário e o computador”. (QUÉAU, 1991; COTTON, 1995; LONGHI, 1999 apud CAPPARELLI, 2000).

Na ciberpoesia *Reflexões no Vazio*⁴, são disponibilizados vários links (ciberpoesias) que, de acordo com o clique do usuário do ciberespaço, geram outras ciberpoesias. Faça a experiência em <www.martha.com.br/poesias/reflexoes/>.

Alinearidade/Multilinearidade

A linguagem linear é aquela que propõe uma leitura com começo, meio e fim (pré) definidos. Essa prática já vem sendo transgredida muito antes do surgimento do ciberespaço. Poemas escritos de cabeça para baixo, lidos de trás para frente são exemplos simples dessa transgressão.

Como já foi dito antes, o ciberespaço amplia as possibilidades, transgredindo ao extremo a linearidade da escrita e leitura de (ciber) poesias. A estrutura de começo, meio e fim é (in) definida pelo poeta e (re) definida pelo leitor, multiplicando as possibilidades de construção ciberpoética. No exemplo citado anteriormente da ciberpoesia *Reflexões no Vazio*, as palavras oco, eco e vazio são mostradas a partir do passeio do leitor e não em uma ordem pré-determinada pela escrita, por esse motivo podemos considerá-la alinear/multilinear.

Recursos estéticos multimidiáticos

⁴ Disponível em: <www.martha.com.br/poesias/reflexoes/>

A utilização de diversas linguagens tampouco é uma novidade no mundo da poesia. O formato da letra, a cor da página, a imagem são recursos amplamente utilizados pelos poetas. Mas imagina ter, à disposição, além dessas possibilidades da linguagem, os recursos do ciberespaço?

“Essas combinações de todos os *media computers* a nossa disposição são uma síntese de todos os outros meios eletrônicos prévios e também podem combinar texto e qualquer coisa que possa ser digitalizada. Conseqüentemente, sua primeira herança e forma vêm de artes que existiram previamente, não dos paradigmas contemporâneos”. (CAP-PARELLI ET. AL., 2000, p. 76).

Vídeo, áudio, imagem, texto, animações, *emoticons*, entre outras linguagens não só existem como co-existem e convergem na construção de uma ciberpoesia. O ciberespaço é por essência multimidiático, uma interconexão de linguagens. Uma (ciber) poesia nesse contexto, portanto, reproduz e exemplifica essa característica. Na ciberpoesia do chá, podemos ver essa característica.

Colaboratividade: polifonia e poesia em rede

Por fim, chegamos ao ponto-chave da concepção de ciberpoesia. A colaboratividade é a característica mais marcante e diferenciadora da produção ciberpoética. As barreiras mentais e geográficas entre autores e leitores são praticamente rompidas com a possibilidade de construção participativa de um ciberpoema. Segundo Capparelli et. al. (2000):

“Com a interatividade o leitor torna-se co-autor da obra. O preconceituoso postulado da autoria é posto contra a parede. No ciberpoema a autoria é coletiva. É possível pensar um ciberpoema em sistema aberto no qual leitores anônimos colaborariam como autores anônimos em uma obra coletiva que, por definição, seria uma obra inacabada, indeterminada, em progresso”.

Cada usuário do ciberespaço pode dar sua contribuição para a escrita do ciberpoesia, em diversas medidas. Seja escolhendo a forma e

a ordem de leitura, seja propriamente produzindo multilinguagens, o leitor pode ser um autor/colaborador.

É neste sentido que também se caracteriza a ciberpoesia como polifônica (produzida por várias vozes, mãos e mentes) e poesia em rede (construída por uma articulação de colaboradores). Foi neste ponto que percebemos a grande transgressão da ciberpoesia e decidimos transgredir também. É o que vamos contar a seguir.

5 Nossa Experiência Ciberpoética: a construção do híbrido infinitamente colaborativo

Após chegarmos à conclusão acerca do que torna a poesia uma ciberpoesia, partimos para a construção colaborativa em rede de uma ciberpoesia. A ideia era que essa ciberpoesia fosse construída a partir do alcance da rede, inclusive esse alcance suscitou a seguinte reflexão: se configuraria uma poesia colaborativa se utilizássemos um caderno com um grupo de pessoas, em que cada uma pudesse escrever uma frase ou palavra que, ao suposto final do processo, o que foi escrito compusesse um sentido? A essa questão respondemos a nós mesmos que sim, porém a participação colaborativa estaria restrita somente ao grupo e dessa maneira não seria construída uma ciberpoesia de acordo com as características descritas acima. No ciberespaço, a construção de uma poesia alcançaria um maior número de colaboradores/autores que não estariam necessariamente ao mesmo tempo no mesmo espaço geográfico, mas sim, no mesmo espaço ciber.

Como não possuíamos tempo suficiente para criarmos um *blog* ou *site* na internet e posteriormente movimentá-lo, decidimos, então, sair em busca de *sites*, *blogs*, fóruns, entre outros, onde pudéssemos construir nossa ciberpoesia de forma colaborativamente em rede. Para isso nos utilizamos da ferramenta de busca universal *Google Search* e nela tentamos fazer a busca por palavras-chave como ciberpoesia, poesia colaborativa, colaboratividade e poesia, entre outras, nos idiomas português, inglês e espanhol. Para nossa surpresa, encontramos unicamente um *blog* que tratasse do assunto, o Wikesia – Wiki de Poesias ⁵.

A proposta do *blog Wikesia* era:

⁵ <<http://wikesia.blogspot.com/>>

“O que você acha de construir uma poesia a quatro, cinco, seis, ‘n’ mãos? Essa é a proposta deste blog. A idéia é criarmos poesias de forma colaborativa, onde cada leitor poderá sugerir a próxima palavra, verso, estrofe, frase, etc. É claro que poesias são profundas expressões sentimentais do autor, portanto individuais. Mas a proposta é exatamente quebrar essa individualidade”. (Trecho retirado da descrição do *blog Wikesia*. Disponível em: <<http://wikesia.blogspot.com/>>).

Ao visitarmos o *blog Wikesia*, percebemos que nele existia somente uma única postagem⁶ do dia 1 de agosto de 2007, ou seja, apesar de haver o início da ciberpoesia, o *blog Wikesia* estava desatualizado. Mesmo assim, decidimos nos utilizar do blog para a construção da nossa ciberpoesia, uma vez que este possuía o caráter e a proposta semelhantes ao nosso trabalho. Para movimentá-lo, enviamos um email a alguns estudantes de comunicação e para outros contatos explicando nosso trabalho e proposta, e solicitando que nos ajudassem a construir a ciberpoesia. Alguns membros da equipe também postaram no *blog* para ajudar na construção da ciberpoesia.

Passada esta fase da construção do trabalho, percebemos que as pessoas às quais enviamos o email estavam postando no blog e construindo colaborativamente em rede a ciberpoesia. Entretanto, algumas postagens não estavam sendo acrescentadas à ciberpoesia. Elas apareciam no *blog*, porém não eram incorporadas ao texto principal (ciberpoesia) pelo autor/dono do *Wikesia*.

Nesse momento, passamos a nos questionar acerca da autoria da ciberpoesia: Haveria um autor da ciberpoesia? Quem seria esse autor? Será que o autor/dono do blog, ou de qualquer outro meio no ciberespaço, onde a ciberpoesia esteja sendo construída é o autor ou o principal autor da mesma? Ou será que todos aqueles que construíram colaborativamente a ciberpoesia também seriam autores dela? Esses foram alguns questionamentos que nos fizemos durante a elaboração do trabalho e que constituíram um ponto de discussão “acalorado” durante nossa apresentação em sala de aula.

⁶ Início... “A saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu.” (Chico Buarque).

Durante a produção do trabalho, em nenhum momento a equipe entrou em contato com o autor/dono do *blog Wikesia* para sabermos como ele se sentia ou se via diante dessa situação. O contato foi feito posteriormente, em março de 2010, onde o autor do *blog Wikesia*, Leopoldo Souza, comenta sobre a autoria de uma ciberpoesia.

“Eu me sinto um mero organizador, uma pessoa no “meio-do-caminho” e não no seu fim ou início... Não me vejo como um autor, mesmo porque, para iniciar [a ciberpoesia] eu não postei nada autêntico, usei a letra de uma música de Chico Buarque que achei ser “fácil” de se fazer poesia. Por isso não me considero o autor nem faço parte do grupo de autores” (SOUZA, 2010).

Mas até que ponto o organizador das postagens para construir a ciberpoesia não é ou não pode ser também um autor da mesma, uma vez que este decide quais postagens são mais convenientes e as organiza segundo seus critérios. Quanto às postagens não publicadas, Leopoldo Souza, esclarece seu posicionamento:

“De fato tiveram vários *posts*. Alguns ficam claro que não são contribuições “poéticas” para a construção da [ciber]poesia. Neste ponto fica fácil decidir por não “agregá-lo” ao texto. Mas realmente surge uma questão delicada: como julgar se um determinado comentário deve ou não ser agregado à “obra”? Pelo princípio de um ambiente colaborativo é factível a existência de um “moderador” que fica monitorando a evolução do *site/fórum/wiki*. No meu caso eu pergunto antes se o objetivo daquele comentário é “poético” e deve ser acrescido à poesia ou não. Teve um caso desses. Mas o suposto colaborador não respondeu. Então decidi não agregá-lo, aguardando a posição dele”. (SOUZA, 2010).

Mas então qual seria a saída? Moderar de fato as postagens ou deixar que os próprios autores/colaboradores da ciberpoesia decidam, conjuntamente, as postagens que formarão a ciberpoesia e a ordem da

mesma? Deixar a construção colaborativa totalmente nas mãos dos autores/colaboradores deixaria o autor/dono do *blog* única e exclusivamente com a função de administrador da ciberpoesia, possuindo somente o papel de ordenar a ciberpoesia?

“Até pensei em fazer uma espécie de “enquete” ou votação para ver se um determinado comentário deveria ou não ser acrescido a “obra”. Mas cheguei à conclusão que tornaria a construção lenta, morosa, o que para um ambiente “cibernético” é ultrapassado. Na internet as coisas são muito rápidas, não podem ficar esperando por uma decisão coletiva. Talvez isso esteja indo de encontro com os princípios da democracia. Na minha idéia, um ambiente colaborativo é aberto para qualquer proposta de uma forma mais democrática possível, inclusive (e principalmente) aberto para discussão se uma determinada idéia deve ou não ser postada como colaboração. Foi com essa idéia, de ser um ambiente mais democrático possível, que deixei os comentários sem moderação para que tudo fosse publicado automaticamente, independente da minha vontade. Mas infelizmente o blog começou a ser bombardeado com *spams* e comentários totalmente fora do contexto. Por isso passei a moderar.” (SOUZA, 2010).

Talvez a solução esteja no suporte onde a ciberpoesia seja construída. Um *blog*, um *site*, um fórum, um *wiki* requer moderação/administração. Mesmo que os comentários sejam livres, somente o autor/dono da página pode fazer postagens ou autorizá-las. Quem sabe a problemática da autoria da ciberpoesia não seja resolvida no momento em que ela passe a ser construída em um suporte realmente democrático, onde não exista a necessidade de moderação/administração e todos os autores/colaboradores tenham a consciência de que estão envolvidos em um processo de construção ciberpoética colaborativa.

Alguns dias depois, o autor/dono do *blog Wikesia* já havia selecionado as postagens e organizado a ciberpoesia à sua maneira. Resolvemos então, produzir um híbrido audiovisual que contribuísse para que a ciberpoesia se tornasse mais multimidiática, já que o ciberespaço nos permite isso. O processo de construção do “Ciberpoesia:

um híbrido infinitamente colaborativo”⁷ retrata como uma ciberpoesia que mistura outros formatos pode ser construída. O híbrido não foi produzido em rede, devido ao pouco tempo que a equipe possuía para apresentá-lo como avaliação final do Laboratório de Jornalismo Digital e Novas Mídias. Entretanto, a equipe o construiu de maneira colaborativa e em rede por meio de imagens feitas pelos próprios integrantes da equipe, outras imagens e efeitos retirados do *YouTube*. Uma das integrantes da equipe resgatou um vídeo feito em 2009 na cidade de Curitiba e, editado por integrantes da própria equipe, para utilizarmos no híbrido também.

Apesar de o híbrido imagético não ter sido produzido e editado em rede, sabe-se da existência de *softwares*⁸ totalmente grátis onde é possível a edição de vídeos online e de maneira colaborativa, a exemplo de sites como www.opensourcecinema.org. Dessas ferramentas surge a possibilidade de se construir uma ciberpoesia cujo início seja em formato audiovisual, a segunda estrofe ou frase em formato texto, seguida de um trecho de uma música em formato áudio e finalizada por uma imagem, por exemplo.

6 Considerações Finais

Refletir sobre o nosso próprio tempo não é tarefa fácil, mas é, antes de tudo, motivador de novas experiências. Na construção infinita de nosso híbrido, muitas dúvidas foram suscitadas. Além das já mencionadas acima, nos perguntávamos a todo instante sobre o final da ciberpoesia: Como, quando e por que devemos encerrar uma ciberpoesia? Temos que esperar “encerrar uma idéia” para que ela esteja finalizada? Quem decide esse final uma vez que a ciberpoesia é construída colaborativamente? É possível ou até mesmo necessário “encerrar uma idéia” em uma ciberpoesia? Ou podemos sempre deixá-la em aberto para futuras contribuições?

Tais dúvidas marcam as inúmeras possibilidades ainda não percebidas do ciberespaço. Imagine uma ciberpoesia sendo construída 10 anos após o seu início, da mesma forma que a ciberpoesia no *blog Wike-*

⁷ O híbrido pode ser acessado no link: <www.youtube.com/watch?v=_fiKtUyRm0U>

⁸ *Eyespot, Jumpcut, StarterStash, Brushvideo*, entre outros.

sia foi construída 2 anos após a primeira e única postagem do blog! A ciberpoesia na sua essência permite essa atemporalidade, onde seus autores/colaborados possam construí-la a qualquer momento, em qualquer lugar, se tornando assim uma obra em constante construção, mutação. Dessa forma, uma ciberpoesia não terá fim, será infinita por si só, será infinitamente colaborativa e infinitamente cheia de possibilidades.

Consideramos nossa experiência então como sendo uma possibilidade e não um início, meio ou, muito menos, um fim de algo. No *blog Wikesia* uma nova ciberpoesia está em construção, o que não significa que a anterior esteja finalizada. A nossa proposta reflexiva a partir do produto multimidiático a que chegamos, após o percurso já descrito, nos revela uma sensibilidade de nosso tempo marcado pela fluidez nas relações, pela mediação, etc. E também pela reconfiguração da cultura, o que traz à tona um também reconfigurado imaginário recheado de símbolos a partir do ciberespaço.

7 Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de. *Arranjos para Assobio*. Rio de Janeiro: Editora Record. 1980.

COHEN, Jean. *Estrutura da Linguagem Poética*. São Paulo: Publicações Dom Quixote. 1976.

CAPARELLI, S. et. al. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. In: *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 13, pp. 68-82, dez. 2000. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3082/2358>>. Acesso em: 12 nov. 2009, 12:42.

CASTELLS, Manuel. A Rede é a Mensagem. In: *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Edição De Vídeo On-line: As Melhores Ferramentas Web Para Editar Vídeos – Mini-Guia. Disponível em: <www.masternewmedia.org/pt/video_televisao_pela_internet/publicacao-video/edicao-de-video-on-line-as-melhores-ferramentas-web-para-editar-videos-mini-guia-20070623.htm>. Acesso em: 02 abr. 2010.

- GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e Anseios Crípticos*. Curitiba: Pólo Editorial, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MIRANDA, Aristoteles Guillioud de. *Travessia do ser*. Belém: Gráfica Sagrada Família, 1999.
- Nova Enciclopédia Barsa*. São Paulo: Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações, 1998.
- QUINTANA, Mário. *Preparativos de Viagem*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SOUZA, Leopoldo. Entrevista Wikesia. Entrevista recebida por <leobsn@gmail.com> em 30 mar. 2010.
- THOMPSON, John B. Comunicação e contexto social. In: *A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Sites

- <<http://opesource.org>>
- <www.tanto.com.br/apollinaire.htm>
- <www.suapesquisa.com/artesliteratura/concretismo.htm>
- <www.wikesia.blogspot.com/>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gertrude_Stein>
- <www.youtube.com/watch?v=_fiKtUyRm0U>